

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. *O que é Religião?* 2 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 12 ed. São Paulo: Ática, 1999.

LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MARX, Karl. *Manuscritos: Econômicos – Filosóficos*. 5 ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991.

_____. *Sociologia*. Octavio Lanni (org.). 4 ed, São Paulo: Ática, 1984.

MONDIM, Battista. *Introdução à Filosofia*. 11 ed. São Paulo. Editora Paulus, 1980.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. 3 ed. São Paulo. Editora Paulus. 1991.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de várias pesquisas realizadas, algumas visões conclusivas devem ser destacadas em relação à religião e o lugar que ela historicamente ocupa na vida das pessoas.

Os tempos modernos têm diferentes concepções de religião, algumas contraditórias, outras semelhantes. Assim, pode-se dizer que a religião abrange todo o aspecto espiritual e cultural da vida humana; na sociedade primitiva ela ocupa o centro da vida do homem e todas as explicações eram buscadas na religião; porém, a razão foi sendo desenvolvida, a religião perde a sua concepção de verdade e muitas críticas vão sendo dirigidas a ela. Mas um ponto curioso que deve ser destacando é que a cada dia surge um número ainda maior de religiões. Muitos estudiosos do assunto analisam o surgimento de varias religiões, justamente pela falta de fé das pessoas, que têm procurado nas igrejas e nos seus dirigentes, o preenchimento da sua vida espiritual e este não encontrando o que procuram em uma religião, procuram sempre em outras e isto contribui para o surgimento progressivo de religiões.

Karl Max, crítica duramente a religião e a acusa de ser alienante e manipuladora da vida espiritual das pessoas. Infelizmente devemos concordar com ele porque o que deveria ser consolo para as pessoas, tem-se transformado em instrumento de opressão. Nos dias atuais, percebem-se a vergonhosa situação de igrejas e religiões que se converteram em verdadeiras empresas capitalistas que só existem em função de explorar a boa fé dos seus fiéis, explorando-os economicamente em nome de Deus.

3.1.4- Práxis e alienação religiosa

A superação da alienação religiosa, realiza-se partindo da práxis. De nada serviria privar o povo do povo do ópio e não mudar nada. A crítica da religião consiste em libertar o povo da ilusão. Por isso a crítica da religião deve ser seguida da crítica política e da revolução prática a fim de estabelecer a verdade neste mundo. Do ponto de vista econômico, a alienação religiosa tem sua origem na divisão do trabalho porque, na sociedade tecnizada da produção industrial, os operários só têm o trabalho para vender. Ora, a alienação religiosa funda-se segundo Marx, na alienação econômica. Por isso, é preciso mudar as relações de produção, eliminando a propriedade privada dos meios de produção, como a religião integra a superestrutura, mudando a infra-estrutura, também ela mudará, o melhor, desaparecerá. Portanto, não há necessidade, teoricamente, de combatê-la, pois ninguém sentirá sua falta. Em outras palavras, a consciência religiosa morrerá por si mesma.

a atenção deste mundo e de sua transformação para outro, para o além. Desta forma, a religião age como calmante. É o ópio do povo. A religião hipnotiza os homens com falsa superação da miséria e assim destrói sua força de revolta.

Na alienação religiosa, o homem projeta, segundo Marx para fora de si de maneira vã e inútil, sem ser essencial, perde-se na ilusão de um mundo transcendente. A religião nada mais é do que a projeção do ser do homem num mundo ilusório. Com ela aliena-se a si mesmo. A religião faz do sujeito predicado, alcançando Deus sobre as nuvens, em vez de dar-se conta de que o céu está sobre a terra.

A religião nasce, segundo ele, da convivência social e política perturbada dos homens. O crente suspira por uma felicidade ilusória para esquecer sua desgraça presente. Por isso a religião é o ópio do povo. Para libertar o proletariado e a humanidade da miséria, é preciso destruir o mundo que gera a religião.

Não se pode dizer que, para Marx, a religião é simples invenção de sacerdotes falsários ou de dominadores. É a manifestação da humanidade sofredora em busca de consolo. "*O Slogan de que "a religião é o ópio do povo"* (ZILLES, 1991, 128) era comum entre os críticos da época de Marx. É ópio para o povo, um calmante para as massas que sofrem a miséria produzida pela exploração econômica. Mas os exploradores burgueses também precisam da religião. Para os exploradores é consolo inútil, narcótico e, para os outros, justificação, calmante para sua consciência.

Marx conclui que, sendo a religião é um reflexo espiritual da miséria real do homem numa sociedade opressora, a superação da religião não se dará só pela crítica intelectual, pois não é a consciência dos homens que determina a realidade, ao contrário é a realidade social que determina a sua consciência. A luta contra a religião tem seu aroma espiritual. É a imagem falsa do mundo. A crítica do céu torna-se a crítica da terra. Para eliminar a alienação religiosa é preciso eliminar todas as condições de miséria que a originam. A religião é, pois, epifenômeno ou superestrutura. Mudando a infra-estrutura econômica, ou seja, o sistema econômico da sociedade ou o conjunto de idéias de uma sociedade, a superestrutura mudará automaticamente.

opressores e as correntes sociais, que o escravizam, a religião desaparecia automaticamente.

Ele fala sobre uma sociedade sem classes que ninguém nunca viu, e na visão transparente e o conhecimento puro das coisas e no triunfo da liberdade e no desaparecimento de exploradores e explorados. Marx exige mudança de atitude em relação a prática política. E luta por uma sociedade igualitária.

3.1.3- A alienação religiosa

Para Marx a religião aliena o homem. Alienação é um processo pelo qual os atos de uma pessoa são governados por outros. Essa alienação deve ser esclarecida a partir da situação histórica-social concreta. Mas a religião é a expressão da alienação do homem e não seu fundamento.

São as estruturas econômicas que, segundo Marx, geram a falsa consciência, que é a religião. Assim, a idéia de Deus é o resultado de uma economia alienante. A religião é o aroma de uma sociedade alienada. É um momento necessário do mundo alienado porque o justifica. Seu protesto contra este mundo permanece sem conseqüências porque propõe uma solução para além da história. A religião apenas oferece uma libertação espiritual do homem, a libertação imaginária e ilusória, e libertação para os problemas existentes, ela não tem.

A religião tem uma forma de atribuir a sua ineficiência, transferindo as responsabilidades humanas para o além. E que o ser humano que sofre na vida terrena terá, recompensa na vida eterna, por isso, a religião é considerada uma alienação. Segundo Marx, somente através da práxis revolucionária será capaz de libertar o proletariado industrial, dispensando o protesto e o consolo da religião.

Marx, vê a religião como uma consciência errônea do mundo. Enquanto protesto contra as ilusões humanas é protesto ineficiente porque desvia

3.1.2- Religião e Marx

Para Marx, a religião surge para iluminar os cantos escuros do conhecimento humano, mas ela mesma não vê, então ilumina com ilusões, oferecendo consolo aos oprimidos. Nesse sentido.

A religião é o ópio do povo, tal afirmação pretende mostrar que a religião referindo-se ao judaísmo, cristianismo e ao Islamismo, isto é, às religiões da Salvação – amortece a combatividade dos oprimidos e explorados porque lhes promete uma vida futura feliz. Na esperança de felicidade e justiça no outro mundo, os possuídos, explorados e humilhados deixam de combater as causas de suas misérias neste mundo. (CHAUI, 1999, p. 309)

De fato o não se pode negar são abusos políticos e os interesses políticos atuantes na religião histórica. Muitas vezes, na história a pregação cristã deu importância ao pecado individual, ignorando o social, a miséria das massas, ou seja, menosprezou a questão social, desacreditando, na prática, na fé em Deus. Identificando-se com a burguesia dominante. Desta forma a religião desvia a atenção dos problemas existentes na sociedade, e age como um calmante, ou seja, hipnotiza as pessoas fazendo-as esquecer, do mundo que gera a miséria e o sofrimento, dando-lhe uma ilusão de felicidade, no mundo vindouro, ou seja, os céus.

As palavras que brotam dos sofrimentos se transformam, em anestesia provisória para a dor. A religião na visão de Marx é ópio, porque serve como um calmante e não muda as causas do sofrimento humano, ou seja, promete felicidade ilusória do povo, pois oferece uma falsa superação da miséria e assim destrói toda a força de revolta, atuando, assim como força conservadora no campo social e econômico.

Marx, previa o fim da religião. Ela só existe numa sociedade marcada pela alienação. Desaparecendo a alienação, e a sociedade livre em que não haja

3- CAPÍTULO II

3.1- Religião em Marx

3.1.1- Karl Marx

Neste capítulo abordaremos como Marx, vê a religião e como ele interpreta a alienação religiosa, e a práxis e alienação religiosa.

Karl Marx, sem dúvida, é um dos mitos contemporâneos mais debatidos dentro do movimento idealista de sua época, não só filosóficas, econômicas, mais também políticas e social. Marx era ateu, comunista e humanista, filósofo, advogado, cientista social e historiador, jornalista e revolucionário, foi certamente o pensador que maior influência exerceu na história da humanidade. Embora ignorado por alguns acadêmicos de seu tempo.

Marx nasceu em 5 de maio de 1818, em uma família de classe média, em Treves, capital da província Alemã do Reno. Descendentes de rabinos. Em julho de 1836, matriculou-se na universidade de Berlim, capital da Prússia.

Marx, foi expulso de vários lugares, por causa das idéias que ele escrevia. Nos últimos anos de sua vida, a saúde entrou em declínio, mas mesmo assim, fez vários comentários sobre a política de sua época. Tornou-se Socialista e comunista por liderar movimentos dos trabalhadores assalariados de seu tempo. Morreu em 14 de março de 1883 em Londres.

2.1.6- A religião nos dias atuais

Atualmente, vem surgindo um número elevado de religiões, é importante destacar que muitas igrejas surgem como empresas, tornando-se organizações que movimentam milhões e milhões de dinheiro através da boa fé das pessoas. Afinal, porque tantas religiões ou por que tantas seitas religiosas, se Deus é único? Algumas igrejas, entre elas a Católica que é uma grande proprietária de terras e imóveis, tudo isso graças ao pagamento do dizimo que é divulgado aos fiéis como uma devolução a Deus, de um pouco daquilo que Deus deu para pessoa. Muitas religiões de encontram vazias. A influência do sistema capitalista tem se tornando mais conveniente, em vender doutrinas do que de ensinar, uma espiritualidade, aos fiéis, ou o caminho que conduz à vida eterna, que era a principal meta nas religiões antigas. Se a religião tem sido banal, os próprios dirigentes da igreja demonstram que perdeu o pudor e o respeito, pois, a cada dia as notícias em nossos meios de comunicação tem evidenciado um número de pessoas ligadas a instituições religiosas, e envolvidas em escândalos e imoralidade.

Não bastando a concorrências dos comércios convencionais, as igrejas também estão em busca de concorrências entre si, há uma disputa de poder, prestígio e reconhecimento social e assim ganham mais seguidores e dinheiro também.

Por um lado, os dirigentes não sabem quase nada sobre Deus, e seus ensinamentos mais também eles não estão preocupados com essa hipótese, a preocupação é atrair um público simpatizante e disposto a segui-lo.

homem ao convívio direto com a divindade. As religiões da salvação, tanto as do tipo judaico-cristão, quanto as do tipo oriental, prometem aos seres humanos libertá-los da pena e da dor da existência terrena.

- Oferecer conforto aos aflitos, dando-lhes uma explicação para a dor, seja ela física ou mental.
- Garantir respeito as normas, às regras e os valores da moralidade, estabelecida pela sociedade. Em geral, os valores morais são estabelecidos pela própria religião, sob a forma de mandamentos, divinos, isto é, a religião reelabora as relações sociais existentes como regras e normas, expressões da vontade dos deuses ou de Deus, garantindo a obrigatoriedade da obediência a elas, sob a pena de sanções *sobrenaturais*. (CHAUI, 1999, p. 308)

2.1.5- A ruptura do universo religioso

Um ponto importante é a ruptura do Universo religioso, porque era encantado inquestionável, onde ninguém podia dizer nada contra os ensinamentos ou doutrinas religiosas, pois era considerado pecado e só a religião era dona da verdade. Porém na Idade Moderna surgem as transformações e esse mundo encantado da religião se desfaz e a mesma deixa de ser o centro da vida do homem; porém, as religiões não desaparecem como previa Marx, pelo contrário, a cada dia surgem mais e mais denominações religiosas.

Dentro dessa visão religiosa podemos ver que a religião perdeu sua essência, de espiritualidade e estão mais preocupadas em vender doutrinas do que em oferecer espiritualidade a seus fiéis. Quando os membros de uma determinada igreja não concordam entre si, e começam a discordar das interpretações dos livros sagrados ou das regras a serem seguidas, a tendência é que o grupo discordante saia e funde uma nova Igreja. Assim é que a cada dia surgem mais e mais religiões.

benefícios, para suplicar novos dons e benefícios, para lembrar a bondade dos deuses ou para exorcizar sua cólera, caso os humanos tenham transgredido as leis sagradas, as cerimônias ritualísticas são de grande variedade.

No entanto, uma vez fixada a simbologia de um ritual, sua eficácia dependerá da repetição minuciosa e perfeita do rito, tal como foi praticada na primeira vez, porque nela os próprios deuses orientaram os gestos e as palavras humanas. Um rito religioso é repetitivo em dois sentidos principais: a cerimônia deve repetir um acontecimento essencial da história sagrada, e em segundo lugar, atos e gestos consagrados pelo próprio deus. O rito é a rememoração perene do que aconteceu numa primeira vez e que volta a acontecer, graças ao ritual que abole a distância entre passado e o presente.

2.1.4- As Finalidades da religião

A invenção cultural do sagrado se realiza com o processo de simbolização e encantamento do mundo, seja na forma da imanência do sobrenatural no natural, seja na transcendência do sobrenatural. O sagrado é quem dá significação ao espaço, e aos seres que neles nascem, crescem, e morem.

A passagem do sagrado à religião determina, as finalidades principais da experiência religiosa e da instituição social religiosa. Nas perspectivas de Chauí, destacamos:

- proteger os seres humanos contra o medo da natureza, nela encontrando forças benéficas, contrapostas as maléficas e destruidoras;
- Dar aos humanos um acesso à verdade do mundo, encontrando explicações para a origem, a forma a vida e a morte de todos os seres e dos propósitos humanos;
- Oferecer aos humanos a esperança de vida após a morte, seja sob a forma de reencarnação purificadora seja sob a forma de imortalidade individual que permite o retorno do

O que Chauí tenta nos mostrar é que a narrativa sagrada é a história Sagrada, que os gregos chamavam de mito. Este não é uma fabulação ilusória, uma fantasia sem consciência, mas a maneira pela qual uma sociedade narra, por si mesma, seu começo e de toda sua realidade, inclusive o nascimento dos próprios deuses. Somente quando surgiu a Filosofia e, depois dela, a Teologia, a razão exigirá que os deuses não sejam apenas imortais, mas eternos, sem começo e sem fim. Antes, porém, da Filosofia e da Teologia, a religião narrava teogonias, (do grego: Theos, deuses; gonia, geração) isto é a geração ou o nascimento dos deuses, semideuses e heróis.

Os contrastes existentes entre dia e noite, luz e trevas, por exemplo, evidenciam um mundo ordenado e regular, no qual os seres humanos nascem, vivem e morrem.

Ainda na perspectiva de Chauí, podemos perceber que há dois espaços, há dois tempos: o anterior à criação ou gênese dos deuses e das coisas (o tempo do vazio e do caos) e o tempo originário do gênese de tudo quanto existe – tempo do pleno e da ordem. Nesse tempo sagrado da ordem, novamente uma divisão: o tempo primitivo, inteiramente divino, quando tudo foi criado, e o tempo do agora, profano, em que vivem os seres naturais, incluindo os humanos.

Embora a narrativa sagrada seja uma explicação para a ordem natural e humana, ela não se dirige ao intelecto dos crentes, mas se endereça ao coração deles. *Desperta emoções e sentimentos – admiração, espanto, medo, esperança, amor, ódio.*

2.1.3- Ritos

Os ritos foram criados para ligar humanos e divindade, organizar espaço e o tempo para os seres humanos.

O rito é uma cerimônia em que gestos determinados, palavras determinadas e emoções determinadas adquirem o poder misterioso de presentificar o laço entre os humanos e a divindade. Para agradecer dons e

esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”². Uma outra passagem, também do Novo Testamento que complementa esta ligação, pode ser enunciada da seguinte forma: “Eu ti darei as Chaves do Reino: o que ligares na Terra será ligado no Céu; o que desligares na Terra será desligado no Céu”³.

Através da sacralização e consagração, a religião cria a idéia de espaço sagrado. Os céus, o monte Olímpio (na Grécia), as montanhas do deserto (em Israel), templos e igrejas são criados como santuários ou morada dos deuses. O espaço da vida comum separado-se do espaço sagrado: neste vivem os deuses, são feitas as cerimônias de culto, são trazidas oferendas e feitas preces com pedidos a divindades como boa colheita, paz, etc. Pois cada religião acredita em uma ou mais divindades e estabelecem doutrinas que devem ser obedecidas por todos os seguidores. Cada religião explica, à sua maneira, qual o significado da vida humana e o que cada deus espera de seus fieis. A maior parte das religiões possuem livros sagrados, nos quais estão as doutrinas de cada uma delas.

2.1.2- A religião como narrativa da origem

A religião não transmuta apenas o espaço, também qualifica o tempo, dando-lhe a marca do sagrado. Sobre o tempo, em religião, Chauí, nos diz que:

O tempo sagrado é uma narrativa. Narra a origem dos deuses, pela ação das divindades, a origem das coisas, das plantas, dos animais e dos humanos. Por isso, a narrativa religiosa sempre começa com a expressão do tipo ‘no princípio’ no ‘começo’, ‘quando o deus x estava na terra’, quando a deusa y viu pela primeira vez. (CHAUÍ, 1999, p.298, 299)

² Livro do Evangelho de São Mateus, cap. 16, versículo 18, p.1261 apud Chauí, 1999, p.298.

³ Idem, versículo 19.

2- CAPÍTULO I

2.1- Religião

2.1.1- Origem

Neste Capítulo abordaremos a origem da religião, a religião como narrativa da origem, os ritos e sua ligação com a religião, as finalidades da religião e a ruptura do Universo religioso.

A palavra religião vem do latim: religio, formada pelo prefixo re (outra vez, do novo) e o verbo ligare (ligar, unir, vincular). A religião é um vínculo, e as partes vinculadas constituem o mundo profano e o mundo sagrado, isto é a natureza e as divindades que habitam a natureza, ou em lugar separado da natureza. Nessa perspectiva Marilena Chauí, nos diz que:

... Nas várias culturas essa ligação é simbolizada no momento de fundação de uma aldeia, vila ou cidade: o guia religioso traça figuras no chão e repete o mesmo gesto no ar. Esses dois gestos delimitam em espaço novo, sagrado e consagrado. Nesse novo espaço erguem-se o santuário (em latim: templum, templo) e à sua volta os edifícios da nova comunidade¹. (CHAUÍ, 1999, p. 298)

Essa mesma cerimônia de ligação fundadora aparece na religião Judaica, quando Jeová indica ao povo o lugar onde deve habitar - Terra Prometida – e o espaço onde o templo deverá ser edificado, para nele ser colocado a arte da ligação símbolo do vínculo que une o povo e seu Deus, recordando a primeira ligação que é o arco-íris, anunciado por Deus a Noé como prova de seu laço com ele e sua descendência.

No cristianismo, a religião também, é expressa por um gesto de união. De acordo com o Novo Testamento, Jesus disse a Pedro: “Tu és Pedro e sobre

¹ CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. 12 ed. São Paulo: Ática, 1999, p.298.

1- INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico, tem por objetivo compreender a religião na concepção de Karl Marx.

Marx, mostra que a religião é uma alienação e, que a alienação religiosa se encontra na situação histórica social e, esta inserida, no tipo de relações, de produções geradas no mundo capitalista. O estudo será desenvolvido com fundamentação à religião, na visão de Marx, não tratando do pensamento de Marx em sua globalidade.

O primeiro capítulo tem início, procurando oferecer um conceito geral para palavra religião, destacando sua origem. Neste capítulo iremos fazer uma breve compreensão sobre a religião como princípio e os propósitos que ela apresenta para a vida humana. Outro ponto importante neste capítulo é a ruptura do universo religioso, porque era encantado, inquestionável, superior a tudo, porém com as transformações ocorridas na Idade Moderna, esse mundo encantado se desfaz e a religião deixa de ser o centro da vida do homem, porém, a religião não desaparece, pelo contrário a cada dia surgem novas denominações religiosas, de modo que estão mais preocupadas em vender doutrinas do que, em oferecer uma espiritualidade a seus fiéis.

No segundo e último capítulo compreenderemos o conceito de religião na visão de Marx, que a considera como o Ópio do Povo, destacando, que ela representa uma forma de alienação, agindo na vida humana, como uma anestesia para o sofrimento do homem, assim a religião hipnotiza o homem como uma falsa superação da miséria destruindo toda sua força de revolta.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	05
2- CAPÍTULO I	06
2.1- Religião	06
2.1.1- Origem	06
2.1.2- A religião como narrativa da origem	07
2.1.3- Ritos	08
2.1.4- As finalidades da religião	09
2.1.5- A ruptura do universo religioso	10
2.1.6- A religião nos dias atuais	11
3- CAPÍTULO II	12
3.1- Religião em Marx	12
3.1.1- Karl Marx	12
3.1.2- Religião e Marx	13
3.1.3- A alienação religiosa	14
3.1.4- Práxis e alienação religiosa	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
BIBLIOGRAFIA	18

A religião aliena o homem.

A alienação religiosa deve ser esclarecida a partir da situação histórico-social concreta.

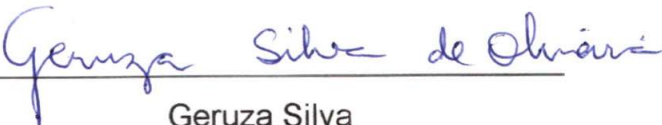
Karl Marx

Dedico a Deus por ter me concedido a vida para poder estudar e a minha família por ser a minha incentivadora das conquistas que tenho conseguido.

SEBASTIANA RODRIGUES ALVARENGA

RELIGIÃO EM KARL MARX

Monografia defendida e aprovada, no dia 16 de dezembro de 2004,
pela Banca Examinadora constituída pelos professores:


Geruza Silva
Orientadora

José João Neves Barbosa Vicente
Professor

Sandro Henrique Ribeiro
Professor

SEBASTIANA RODRIGUES ALVARENGA



RELIGIÃO EM KARL MARX

Monografia apresentada como exigência para conclusão do curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, sob a orientação da professora Geruza Silva.

Rubiataba-GO

2004

147111

Daou - 30798

Tombo nº	9445
Classif:	
Ex:	1
Origem:	d
Data:	19-02-05

SEBASTIANA RODRIGUES ALVARENGA



RELIGIÃO EM KARL MARX

Tombo n°
Classif.
Ex.:
.....
.....
.....
Origem:
Data:

Rubiataba-GO

2004